

UM OUVIDO FEITO DE VOZES: CONSTRUINDO O INSTITUTO DE OUTROS ESTUDOS

Escrito pelo **Instituto de Outros Estudos**¹

contato@outrosestudos.com

Nota preliminar

Este ensaio retoma o tema do texto Mais que um, menos que dois,² de Carla Rodrigues, publicado anteriormente nesta revista, que discute a lógica do sofrimento psíquico na universidade e as bases do projeto do Instituto de Outros Estudos (IOE).³ Gostaríamos de dar prosseguimento a essa conversa — mas, mudando um pouco a perspectiva, convidar também o leitor a explorar uma abordagem um pouco diferente.

Normalmente, apresentações de novos projetos buscam estabelecer, de forma objetiva, a sua necessidade e especificidade, descrevendo as condições sociais que motivam a criação de uma nova organização. No caso do Instituto de Outros Estudos, isso significaria apresentar um mapa da crise do ensino superior no Brasil, falar dos seus efeitos e apontar a importância da criação de um instituto autônomo — composto de alunos, ex-alunos, pesquisadores e professores — que visa acolher e auxiliar estudantes com problemas universitários ao mesmo tempo em que oferece uma fonte de renda suplementar para os mesmos.

No entanto, apresentar o Instituto dessa maneira significaria também ir na contramão da premissa básica do nosso projeto, a hipótese de que a nossa capacidade de discernir problemas não decorre apenas da descrição "objetiva" da realidade, mas depende também do engajamento continuado com essa realidade — afinal, nada revela melhor o que é real e o que não é do que os impasses e dificuldades que persistem para além de nossa boa vontade e esforço em superá-los. Apresentar o Instituto de Outros Estudos é, acima de tudo, introduzir o leitor a esse engajamento, a uma forma de escutar o mal-estar acadêmico que é condicionada não apenas pelo desejo de ajudar os outros — como se nós estivéssemos em situação melhor! —

¹ Bruna Martins Costa, Felipe Aiello, Fernanda Paixão, Gabriela Ripper Naigeborin, Gabriel Tupinambá, Guilherme Alfradique Klausner, Leonardo Petersen Lamha, Nina Stamato Ruschel, Palloma Alves, Rafael Saldanha, Raquel de Azevedo, Rodrigo Gonsalves, Mariana Mayerhoffer, Victor Pimentel Ferreira e Vitor Araújo.

² O texto da Carla pode ser encontrado aqui:

<http://revista.estudoshumanos.com/wp-content/uploads/2020/04/v.7.n2.2019.6.95-104.pdf>

³ Para uma apresentação detalhada do funcionamento do Instituto, acesse o site <https://www.outrosestudos.com/>

mas pelo encontro, dentro de nossa própria organização, com os impasses que também afigem quem busca nossa ajuda.

Na prática, isso significa reconhecer que nossas limitações — a pouca mão de obra, o tempo escasso, as armadilhas da idealização que foram nos frustrando pelo caminho — informam positivamente nossa capacidade de escuta, capacidade que, em uma organização composta de alunos e pesquisadores precarizados, depende não tanto do que sabemos sobre a realidade dos outros, mas de estarmos em dia com nossa própria realidade. E aqui, nesse esforço de apresentação do Instituto, isso significa arriscar uma outra forma expositiva, igualmente influenciada por essa realidade, o que, por sua vez, demanda uma outra disposição do leitor — uma sensibilidade até mesmo grosseira, como quando chacoalhamos uma escada para ter certeza que ela está firmemente presa ao chão e estável.

Por isso, escolhemos compor esse texto a partir de fragmentos redigidos por diferentes pessoas que participam do Instituto: coordenadores das diferentes frentes do projeto — acolhimento, ensino e pesquisa — membros das equipes de contato e acompanhamento de cursos, assim como integrantes da nossa rede de trabalho — revisores, tradutores, tutores, professores particulares, bem como psicólogos, psicanalistas e psicoterapeutas. O resultado não é um tecido homogêneo de perspectivas, experiências ou mesmo de envolvimento com o projeto. Mas convidamos o leitor a realizar aqui o mesmo exercício que nós fazemos tanto em nosso trabalho de acolhimento e ensino, quanto em nossa lida interna com o Instituto. Escutar o sofrimento na universidade é, muitas vezes, escutar a dificuldade de habitar regimes normativos incompatíveis — o mundo do trabalho e o mundo dos estudos, ou o mundo das expectativas familiares e a realidade das oportunidades acadêmicas, etc. — e ajudar a pessoa não tanto a remendar essa fratura, mas a ter força para habitá-la. Construir o Instituto de Outros Estudos também nos expõe a essa mesma exigência, nos obrigando a reconhecer as dificuldades de compatibilizar as restrições de grana, tempo e mesmo de crença no projeto com as incumbências e propostas do Instituto. Nada disso é possível sem essa sensibilidade que nos convida a reconhecer que a capacidade de suportar contradições é um sinal de uma construção sólida.

Na universidade

Uma pessoa descreveu assim o paradoxo de quem busca na universidade o caminho para mudar de uma vida:

“Se, por um lado, é verdade que a universidade, hoje, representa uma das poucas possibilidades de mudança social real, por outro também é verdade que essa mudança não vem fácil para os que a procuram. A vida acadêmica – o baque da pesquisa, do trabalho, das obrigações institucionais, das demandas das aulas – é exaustiva. Essa dificuldade aumenta na mesma proporção em que se amplia o acesso à universidade de parcelas da sociedade historicamente excluídas desse ambiente. É uma situação peculiar: quem procura na universidade um caminho para a mudança, para um existir um pouco mais digno, acaba se deparando com dificuldades suportáveis só com uma situação financeira estável e muita fibra emocional. O tranco é bravo, as bolsas são poucas e não chegam perto de corresponderem à realidade econômica brasileira.”

O “tranco”, no entanto, é agravado ainda pela dificuldade de compartilhá-lo — alguém complementa:

“Provavelmente o maior problema que tive na minha trajetória na universidade foi o silêncio. Sensação (e muitas vezes realidade) de que não era escutado, de que ninguém se interessava, de que não era lido. Se no início talvez eu achasse que isso era uma questão pessoal (ou seja, um problema meu ou de quem não está me escutando/lendo) foi só com o tempo que eu acabei percebendo o quanto essa sensação atravessava todo esse mundo. A própria demora para me tocar disso acho que aponta para a falta de comunicação e interesse que existe nesses espaços. Se demorou tanto é porque eu mesmo não estava trocando sobre as dificuldades e sofrimentos com meus colegas e amigos nessa vida. Pessoas que eram amigas, com quem trocava inúmeras confidências, conselhos e responsabilidades, mas que parecíamos evitar estrategicamente trazer pra luz os problemas que a gente sentia na vida acadêmica”.

O silêncio e a sensação de estar sozinho só dificulta, por sua vez, o famoso “horror da página em branco”:

“Em diversos momentos, a minha jornada acadêmica foi muito solitária. E olha que nem tive os problemas de relacionamento com orientador que alguns colegas meus tiveram. Minha relação com as minhas orientadoras, tanto no mestrado como no doutorado, foi ótima, sempre com muito respeito, compreendendo o tempo da minha escrita. Mas mesmo com todo este apoio, em diferentes circunstâncias me sentia angustiado, notadamente quando tinha que lidar com a folha em branco. É assustador o nível de liberdade que se tem quando começamos a escrever. Poder escrever “qualquer coisa” sobre a pesquisa, com a tinta estando inteiramente nas nossas mãos, me causava paralisia.

Após me tornar professor, percebi que esta minha angústia era também de muitos estudantes de pós-graduação. E, em alguns casos, com o agravante da orientação ser ruim, com orientadores que pouco respeitavam o tempo de trabalho de escrita deles ou, o que pode ser pior, que não davam apoio algum ao trabalho do pós-graduando, deixando-o ‘inteiramente livre’”.

Estar sozinho perante a folha em branco é um drama talvez incontornável — mas ele certamente pode ser agravado quando além das dificuldades próprias da escrita, somos deixados a sós com nossas fantasias sobre o que é esperado de nós, de nossos trabalhos e projetos. Um outro relato aponta ainda um outro agravante:

“Apesar dos valiosos e relevantes esforços de técnicos-administrativos, professores e movimentos estudantis nos últimos anos, é inegável que a universidade parece não saber responder adequadamente a problemas gestados em seu próprio meio, influenciando decisivamente na manutenção e formação do corpo discente e do corpo docente que compõem sua existência. Bom, se os problemas não são meramente individuais – ainda que possam, certamente, carregar traços da trajetória biográfica da pessoa –, então formular uma abordagem prioritariamente individual parece não soar como o caminho mais interessante. Por outro lado, reivindicar e esperar por uma resposta institucional mais acurada também não parece ser o suficiente.”

Podemos comparar esse testemunho com essa outra experiência:

“Concluí meu mestrado em literatura comparada e cultura moderna nos últimos meses. A dificuldade que encontrei em escrever a minha dissertação durante os primeiros meses de isolamento social foi agravada por duas tristes constatações: primeiro, que esse isolamento social, aclamado mundialmente como emergencial, é regra no mundo acadêmico, e segundo, que a isolação do processo de investigação intelectual, a individualização da carga de trabalho acadêmico e a atomização do pensamento mortificam o meu desejo de engajar com as ideias e obras às quais eu decidi dedicar o meu tempo e, em algum grau, a minha vida – ideias que eu verdadeiramente acredito que ‘vale a pena’ conhecer, tentar compreender e compartilhar. E isso tendo realizado a graduação e a pós em universidades estrangeiras nas quais o acesso a recursos para pesquisa é mais fácil, e o ensino menos precarizado, do que em universidades públicas brasileiras”.

Não é possível, no entanto, compreender a maneira como todos esses fatores podem influir na vida da gente se não consideramos a maneira como, ao nos confrontarmos com a realidade do ensino superior, podemos ser obrigados a rever nossos sonhos, idealizações e expectativas:

“No início dos anos 2000, ao que posso recordar, a mídia nacional se preocupava muito em alertar para o “mal” do século, a depressão, a síndrome do pânico, a ansiedade. Eu não entendia muito bem por que as pessoas desenvolveriam tais desordens e como era possível prevê-las. Até que eu adentrei na vida acadêmica. Inicialmente o fato de estar lá, causa uma sensação de batalha vencida, dado que toda a vida escolar é voltada para a grande conquista de um jovem: entrar numa faculdade. O pressuposto dessa entrada são promessas de uma profunda assimilação de conhecimentos, possibilidades de desenvolver ideias e se tornar alguém que domina tão bem um assunto, que passa a ganhar dinheiro com isso. Apesar da ideia travestida de possibilidade de contribuir para a sociedade com conhecimento adquirido, no final das contas, a realidade é como uma saga pelo arco-íris em busca do pote de ouro. Não é tão adulto o quanto se espera que seja. Rapidamente, a dinâmica acadêmica ganha o caráter competitivo, é necessário se destacar e apesar da ideia de que qualidade é melhor que quantidade, o que importa mesmo é em quanto tempo você consegue entregar mais, não importa muito sua subjetividade, seus problemas, imprevistos, afinal: a oportunidade já foi dada, é preciso agarrá-la. Para ficar rico, é assim mesmo. -O

pote de ouro. Então, num piscar de olhos, você faz parte de uma linha de produção, entregando sua força de trabalho intelectual (enquanto muitas vezes precisa conciliar com o despendimento de forças produtivas para se sustentar materialmente) de maneira cruel, sem direitos apenas com deveres e, surpreendentemente, é difícil conseguir ajuda de professores e orientadores.

No final de uma dura experiência acadêmica repleta de inseguranças, eu tinha certeza que era incapaz de contribuir de maneira prática com a sociedade, mesmo eu tendo me esforçado tanto, mesmo com minhas boas intenções e achei muito injusto, a propósito. No entanto, com o passar do tempo percebi que tudo o que eu passei parecia ser um modus operandi: colegas universitários de outras áreas, comprometidos, competentes, se encontravam pesarosamente perdidos e desamparados em um ambiente que deveria oferecer acolhimento e ajudar a desenvolver as potencialidades dos indivíduos. Foi quando percebi que eu não era o problema”.

Entre trabalho e estudo

Confrontada com as demandas da vida acadêmica, essa pessoa fez uma escolha:

“Estar comprometida com a academia e com um emprego formal ao mesmo tempo era a minha condição inicial ao ingressar no mestrado, a experiência era sentida com muita exaustão física e cansaço, eu não conseguia participar de eventos do programa de pós e, por conta de uma disciplina do mestrado, também não participava das reuniões do grupo de orientandos de minha orientadora. Pressionada tanto pelo cansaço quanto pelo medo de não conseguir fazer um trabalho de qualidade, eu decidi abandonar o emprego para tentar bolsas e me dedicar apenas ao mestrado”.

Ela continua:

“A primeira denegação levou 63 dias — 2 meses de espera era o normal. Antes de enviar um pedido de reconsideração do pedido, marquei uma reunião com a orientadora, ela não havia lido o projeto, não sabia como me ajudar a corrigi-lo, me disse que isso não era prioridade, que a minha prioridade era me empenhar nas duas disciplinas que eu estava fazendo para ter A e ter chances de ter bolsa e depois ver o que fazer do pedido de reconsideração.

Quando chegou o depois, ele chegou um pouco mais depois, eu já estava um tanto desanimada, mas ele chegou e logo chegou a pandemia, foram 104 dias, 3 meses e 12 dias, e mais uma denegação. Dessa vez, porém, não havia nada de errado com o projeto, o erro era o solicitante de bolsa, que embora tivesse A nas disciplinas, não tinha experiência internacional e não estava no início do mestrado -uma pena, não tinha muito como me corrigir.

Curiosamente, nesse tempo em que eu só tinha o mestrado e o meu tempo todo era dedicado a ele, eu não tinha mais ânimo para ele, o tempo virou um grande nada. Não tinha sentido algum e eu estava reduzida a algo que não me reconhecia em muitos aspectos”.

Mas atentemos para o que ela diz, por fim:

“Buscando existir um pouco, eu busquei um emprego e encontrei — foi um pouco de sorte — e curiosamente, agora que eu tenho um emprego eu até consigo achar algum ânimo para o mestrado. De alguma forma, estar fora e entender-me fora, não participante, outsider, me fez achar o mestrado

interessante de novo. Ver a academia como fechada para as minhas perspectivas profissionais, tem me feito tocar o mestrado de algum jeito, e ainda contrariamente à ameaça do "mestrado profissional" eu estou tocando um 'mestrado amador' mesmo — (quase) um hobby. É o que temos para hoje e para o próximo ano se tudo der certo".

Enquanto o estudo e o trabalho se apresentam como duas forças que nos puxam em direções opostas, há também outro tipo de obstáculo, quando a lógica do trabalho não acadêmico emerge dentro do ambiente universitário, como vemos no seguinte relato:

"Na experiência acadêmica a gente achava que poderia ter uma relação diferente com o trabalho. Os rumos da produção seguiriam uma finalidade coletiva decidida e pensada pela comunidade interessada na pesquisa. Como os efeitos das decisões e regras surtiram efeito nos executores do trabalho acadêmico, dava a impressão de que eles seriam pensados dentro do espaço da atividade; a gente iria produzir um negócio decidido por nós mesmos. A estabilidade de um possível emprego público em uma universidade, os salários de um professor universitário, dentre outras coisas, impulsionavam a gente a atravessar esse calvário difícil de produção de provas infinitas de eficiência, dedicação, inteligência, interesse e inventividade. No meio do caminho, a relação do trabalho acadêmico, para o terror e decepção de todo aspirante a professor, tem os mesmos arrombamentos de qualquer relação de trabalho. Hoje, trabalho em um emprego que nada tem a ver com a minha vida acadêmica e sou mal pago. Ganho hoje o que ganharia se não tivesse tido o trabalho de passar mais de 10 anos estudando".

Um experimento de organização

Um participante descreve assim o Instituto:

"O IOE é uma rede de experimentação diante da partilha dos desencantamentos da experiência acadêmica. Cientes de que o percurso universitário não provê garantias às pessoas de maneira igualitária, o IOE visa um acolhimento experimental que não mascare esta realidade. Especificamente apostando em um núcleo digitalmente organizado, o IOE busca saídas frente aos dilema e impasses da pauperização da realidade de uma massa diplomada, diplomando e em busca de diplomas, ciente da necessidade da construção de um lugar para esse documento, que entende de antemão a resignificação do valor simbólico deste título no cenário atual. E, diferentemente de assumir que se trata de um combate perdido contra aos meios virtuais que hoje atravessam todas as nossas relações, a ideia de nos apropriarmos de tais meios diz da tentativa de um hackeamento possível do futuro, de arriscarmos uma organização mais criativa às nossas coletividades e organizações diante do pensamento e do trabalho. A partilha de uma condição, ainda que comum, muito assimétrica e repleta de nuances novas como a conexão de distintas regiões do país em uma rede 'supra-acadêmica' (mesmo que 'semi-institucional') apresenta também a possibilidade de trocar em novas perspectivas entre realidades que por vezes pouco ou quase nunca se dialogam. Pensar a organização de uma classe acadêmica pauperizada e desiludida pode ser um passo em uma boa direção também para praticar experimentações visando uma maior independência relativa aos meios acadêmicos institucionais estabelecidos".

Outra pessoa retoma a ideia da "organização experimental" e desenvolve uma nova elaboração teórica do projeto:

"Podemos entender, portanto, o experimento do Instituto como um projeto de pesquisa, um modelo de instituição acadêmica, que visa escapar à dicotomia tradicional entre o estatal e o particular, entre a universidade ‘pública’ e os institutos privados. Se a universidade pública no Brasil é um edifício em condições cada vez mais precárias – edifício este que no qual a maioria dos membros do IOE ‘reside’ – e institutos privados de pesquisa são prédios fechados à circulação do público, podemos pensar no IOE como um edifício que vai sendo erigido à medida que mais pesquisadores ao redor do Brasil animam-se a participar – ou desesperam-se a ponto de participar – do processo de construção. É esta a experiência singular do Instituto: a experiência de construção de um novo ‘lar’ para pesquisadores, estudantes e professores que foram deixados ao deus-dará. A própria página de apresentação do Instituto descreve o IOE como um ‘prédio de três andares’:

Na fundação, está nossa frente de apoio acadêmico, que acolhe demandas por auxílio – seja pedagógico, psíquico ou financeiro – e, após uma conversa, conecta a pessoa a um membro de nossa rede de serviços; no andar seguinte, dedicado ao ensino, é possível utilizar nossa plataforma online, e nosso workshop de formação, para transformar o conhecimento acumulado ao longo da sua trajetória acadêmica em um curso à distância; finalmente, no último andar – que só existe por causa dos anteriores – temos nossa frente de pesquisa, atualmente em construção, onde queremos utilizar nossa experiência coletiva de escuta do mal-estar na universidade e de formas alternativas de ensino para produzir um novo modelo de pesquisa e investigação teórica.

No contexto dessa imagem do Instituto como um prédio em construção, e da distinção entre a planta do prédio (o Instituto enquanto experimento) e a teia de relações sociais aí engendradas (o Instituto enquanto experiência), vale uma observação: esse é um prédio que vai se fazendo ‘no caminho’, o que significa que o plano que estrutura o projeto de construção possui apenas umas poucas diretrizes. Não há nenhum protocolo ditando a altura do pé-direito, a quantidade de metros quadrados em cada andar, o tipo de material do qual serão revestidas as paredes, a quantidade de ocupantes que cada andar comporta, o aproveitamento do terreno no qual no prédio está sendo construído, a interação desse terreno com os terrenos circundantes, ou mesmo a localização geográfica do edifício.

Penso eu que a abertura dessa planta experimental do IOE seja um de seus maiores atrativos, ainda mais porque não dá para descrever com precisão um prédio que ainda não existe. Assim vamos construindo aos poucos, consultando uns aos outros, transmitindo as técnicas que aprendemos na medida em que nos familiarizamos com as ferramentas de construção, na medida em que percorremos os declives e depressões do terreno, na medida, enfim, que conhecemos o trabalho daqueles com quem estamos construindo esse espaço comum.”

A imagem do Instituto como uma construção experimental — e, portanto, arriscada — é elaborada em mais detalhes a seguir:

“Uma vez diferenciadas as noções de ‘experimento’ e ‘experiência’, vale agora relembrar como as duas se articulam. Etimologicamente, esses conceitos-irmãos compartilham a mesma raiz: ‘ex’ (fora) e ‘peri’ (limite) revelam uma dimensão, tanto no experimento quanto na experiência, de ultrapassagem. O experimento do IOE incorre por definição na expansão do projeto para ‘fora de si’. Não por acaso, a palavra ‘perigo’ parte da mesma raiz, pressupondo a passagem para fora dos confins do conhecido, a entrada no desconhecido. A escassez de parâmetros iniciais que orientem a construção não é sintomática de uma falta de estratégia na criação da organização, e sim uma decisão em si estratégica, porque admite

logo de antemão essa característica que o experimento tem de extrapolar a si próprio, de ir para além dos limites daquilo que foi imaginado. As poucas linhas gerais que estruturam esse instituto ainda em construção atuam como uma base, e é essa base estrategicamente aberta que faz com que o experimento original estimule uma primeira onda de experiência sem, no entanto, engessar ondas futuras. Ao contrário: o experimento deve ser aberto o suficiente para se permitir atravessar por muitas ondas de experiência sem se deixar desaguar com a maré.

De certo modo, a robustez do experimento – a sua capacidade para não se trair – depende da escolha de quais são essas poucas “regras” que o amarram. No caso do IOE, penso que os princípios definidos por seus idealizadores tornam o projeto especialmente consistente: *autonomia* – a capacidade do Instituto de estabelecer e reger-se pelas suas próprias normas – e *autossustentação* – a capacidade dessas normas, e do modus operandi por elas engendrado, de sustentarem a si próprias e ao Instituto enquanto tal. Ora, o caráter experimental do Instituto assegura a sua existência enquanto ponto de convergência entre o descriptivo e o normativo. A experiência daquilo que o Instituto é redefine as coordenadas do experimento, e este, tendo como base os princípios fundamentais de autonomia e autossustentação, calibra o funcionamento do Instituto, num franco diálogo entre as várias partes componentes do projeto. De fato, a autonomia do Instituto com relação a entidades externas ao mesmo tempo demanda a colaboração interna como meio de garantir a sua autossustentação, e *permite* uma movimentação mais livre – uma exploração empírica mais ‘perigosa’ – por parte do Instituto pelo vasto terreno da pesquisa e da política experimentais”.

Outro relato insiste na dimensão experimental do IOE, enfatizando a importância de não tratarmos a autossustentação e a autogestão como um modo de nos excluirmos dos problemas acadêmicos, mas como um meio de termos um novo acesso a eles — e portanto novas formas de solucioná-los:

“Dos vários fatores interessantes da experiência do Instituto de Outros Estudos, gostaria de ressaltar apenas dois. O primeiro diz respeito a algo que informa a realização do projeto - a saber, a percepção de que dificuldades relacionadas à escrita acadêmica, elaboração de problemas de pesquisa, apreensão de determinados conteúdos etc. não são questões totalmente redutíveis à escala individual. Em palavras mais simples: se você tem dificuldade de escrever um artigo, isso não é um problema só seu - há enormes lacunas na formação do ensino superior atualmente, sem contar os inúmeros déficits presentes no caminho de acesso à universidade. (...) Então, o que fazer? É aí que entra o segundo aspecto do projeto que eu gostaria de ressaltar - seu caráter experimental. De maneira geral, em nossas críticas ao meio acadêmico há um forte desejo (e esperança) de realização de uma profunda reformulação das relações de trabalho dentro da universidade. Quando reivindicamos, por exemplo, a criação de disciplinas sobre escrita acadêmica estamos, implicitamente, perguntando o seguinte: ‘e se ensinar a escrever academicamente fosse algo tão valorizado quanto ensinar os autores A, B e C?’ . Quando criticamos práticas abusivas de orientação acadêmica também estamos, de alguma maneira, perguntando sobre a possibilidade de graduandos, pós-graduandos e docentes terem um acesso mais equânime dos ‘meios de produção’ de seus próprios problemas de pesquisa, bem como dispor de maior segurança (e apoio) em atividades como escrita e apresentação oral. O projeto também nasceu de uma pergunta - e se, em vez de esperarmos a concretização desse meio acadêmico alternativo, nós mesmos tentássemos inventá-lo, atentando para seus problemas e vantagens? Assim, assumindo tanto a posição de ‘cientistas’ como a de ‘ratos de laboratório’, criamos o Instituto de Outros Estudos. Seguindo a metáfora, o caráter experimental do IOE vem exatamente do fato de que o projeto, em sua natureza, é um experimento - isto é, estamos tentando criar um espaço artificial no qual as relações de trabalho

baseadas em atividades acadêmicas são organizadas de outra forma. A partir daí, começamos a identificar o que é (e o que não é) possível de ser realizado em relação a tais problemas. Assim, apostamos que, através do IOE, nós construímos condições de acessar de maneira distinta uma realidade social extremamente complexa e elaborar um mapeamento diferenciado de seus limites e potencialidades”.

Experiências no Instituto

Alguém relata sua experiência na rede de trabalho do Instituto:

“Sou estudante de psicologia, prestes a iniciar meu último período na faculdade. Ao longo da graduação, tive a oportunidade incrível de fazer estágio em pesquisa em um tema, no mínimo, inusitado: autoconsciência e substâncias psicoativas, um projeto de doutorado do laboratório de neurociência da minha faculdade. Me apaixonei pelo tema e fizemos de tudo para viabilizar um estudo experimental, sendo um processo burocrático acima de tudo. Bom, a pandemia nos deixou a ver navios e eu não queria deixar de estudar o que eu gosto. Desde que eu entrei no IOE, recebemos a demanda de um pesquisador na área de política internacional de drogas, demanda esta que eu abracei com muito entusiasmo. Então, graças ao Instituto, consegui me manter no tema que eu gosto, sem depender da minha própria faculdade ou da burocracia inerente a qualquer estudo experimental para isso. É muito bom saber que todo o conhecimento específico que eu tenho sobre o assunto não serve apenas à minha pesquisa, eu posso trabalhar em conjunto com outros pesquisadores em outros projetos também”.

Outra pessoa descreve uma experiência similar:

“Já com esse primeiro serviço de tutoria, pude experimentar da fantasia de ser a leitora que eu queria ter tido para os meus próprios ensaios e dissertações. O vínculo que estabeleci com a mestrandona a qual estou tutorando, vínculo esse que foi intensificado pela experiência comum (ainda que manifestada diferentemente) de falta na universidade e frustração com os modelos dominantes de pesquisa, me ensinou muito sobre o meu próprio trabalho e as minhas próprias aspirações de transformação do meio acadêmico, além de consolidar o meu comprometimento com a pesquisa brasileira”.

Enquanto, para alguns, poder mobilizar o próprio conhecimento para além da pesquisa individual — e receber por isso — sem precisar esperar a chancela de um diploma ou de uma vaga oficial é uma motivação importante, para outros, a perspectiva de um outro caminho profissional é uma prioridade:

“Eu acho que tomei a decisão de entrar no Outros Estudos porque é, hoje, a minha única ligação com a vida acadêmica. A minha insatisfação com o Outros Estudos, por enquanto, é que eu não posso ainda pensar em nenhuma insatisfação. É um projeto bem novo e ainda estou tentando entender como a coisa funciona. Me anima o fato de que, mais pra frente, eu possa faturar algum dinheiro com coisas que me interessam. Não sei se é muita pretensão esperar que, no futuro, isso possa me ajudar a sair do trabalho que hoje eu faço”.

Ao prazer da interlocução intelectual e às possibilidades financeiras, é preciso adicionar ainda o efeito positivo de nos organizarmos coletivamente sem que isso implique em ocultar nossas dificuldades:

“Se um dia apostei todas as fichas em uma formação interdisciplinar, hoje aposto todas as fichas em solidariedade objetiva, que acho que é o que me atrai no IOE. Uma plataforma em que o sujeito tem espaço para construir algo independentemente do que as pessoas pensam da sua formação, dos contatos que têm e de tantas outras características pessoais que fecham as portas imediatamente para a maioria dos que saem da universidade com um canudo na mão”.

Outros relatos — ainda que em parte divergentes — reforçam esse ponto:

“Vejo o Instituto Outros Estudos como um pequeno, mas importante e potencialmente revolucionário, alívio a esses problemas. Ao conectar a oferta de universitários — que têm muito a oferecer mas poucos meios de fazê-lo — com a demanda de estudantes igualmente cansados, o IOE cria, na verdade, rede de apoio e mútuo entendimento. O Instituto comprehende os problemas e age sobre eles, de forma descentralizada, horizontal, através de alguns braços — ensino, prestação de serviços, apoio psicoterapêutico etc. É só um começo, mas já nos primeiros meses, como um dentre tantos revisores, pesquisadores e tradutores desempregados, pude experimentar o alívio que a presença do IOE pode representar. Mais do que ‘conseguir trabalho’, o mais importante, para mim, foi a sensação de que não precisamos estar sozinhos”.

“E não é que tudo tenha se tornado mágico quando começamos a falar, mas parece que a coisa deixou de ser um problema só nosso — e problemas-tabus que iam desde dificuldades com leitura e escrita até com não saber lidar com as dificuldades (cada um com a sua) financeiras. É como se ainda que nada tivesse se resolvido, a coisa tivesse perdido peso por poder ser compartilhada. Foi a partir desse momento também que consegui entender que outro tipo de vida era possível na universidade. Talvez por isso eu me sinta ligado ao Instituto de outros estudos, por perceber que na construção desse espaço a gente já começa a viver essa outra vida possível que foi a razão da nossa reunião.”

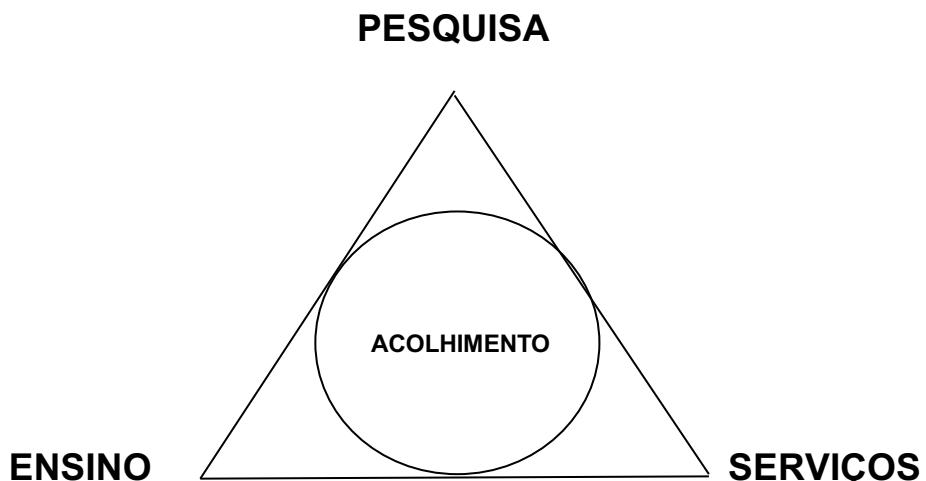
“Minhas intenções eram e continuam sendo profícias e que portanto eu deveria continuar investigando, buscando compreender e transformar tais processos adquirindo conhecimentos sólidos e úteis, mas dessa vez de maneira coletiva onde eu pudesse tanto contribuir, como receber e foi com essa intenção que a ideia de ‘Outros Estudos’ me chamou a atenção, tanto pelo seu caráter desprendido do funcionamento institucional capitalista, como pela possibilidade de ações táticas e até estratégicas que visem alterar essa realidade acadêmica como instituição única do conhecimento. Me sentir sozinha e limitada quando precisei entregar resultados e lidar com prazos foi o que mais prejudicou o andamento da minha formação, por isso também enxergo esse projeto como um suporte importante de acolhimento e fortalecimento de quem está envolvido em processos de apreensão e desenvolvimento de conhecimento”.

É crucial, finalmente, registrar que, como mencionamos em nossa nota preliminar, o Instituto não é apenas uma oportunidade de intervir nas contradições do mundo, mas é ele mesmo parte desses conflitos e contradições: um rascunho deste ensaio, por exemplo, foi criticado pela falta de um posicionamento político mais explícito.

Uma experiência de acolhimento

À guisa de conclusão, separamos um caso de acolhimento realizado pelo "primeiro andar" do Instituto. Antes de apresentá-lo, considere essa breve descrição do funcionamento da frente de acolhimento do IOE:

“O Instituto de Outros Estudos, no que tange à ponta Rede de Serviços (as duas outras pontas de nosso triângulo são a Rede de Ensino à Distância e a Pesquisa) tem um grande diferencial em relação às redes de serviço acadêmicos disponíveis das quais temos conhecimento, que é o Acolhimento. O acolhimento é o espaço central fronteiriço com as três pontas de nosso Instituto, que recebe num primeiro contato quaisquer demandas que nos são endereçadas e é o espaço-tempo onde primeiro acolhemos aquele que chega com sua questão, seja ela uma oferta de serviço, um pedido de obter um de nossos serviços, ou mesmo o desejo de participar da gestão do Instituto, assim como é nesse encontro que transmitimos o que é o Instituto.



Na verdade, o Instituto é e seguirá sendo o que for se ocupando desses encontros, pois ele é autogerido por seus atores, membros da comunidade acadêmica ou a ela ligados direta ou indiretamente, que nessa Rede ofertam e utilizam serviços das mais variadas espécies (desde formatação de um trabalho de disciplina de graduação à revisão de livros, passando por tradução ou psicanálise), podendo ser a princípio tantos quantos forem demandados dentro dessa esfera.

No acolhimento há a construção de um encontro e não apenas a oferta e utilização de um serviço, há a transmissão de uma filosofia de instituição, no sentido mesmo que transmissão deveria ter na vida acadêmica, o de troca de vivências de um dito emissor que oferta um espaço de construção singular do saber com aquele dito receptor, papéis que se intercambiam na troca acadêmica, ou pelo menos deveriam. O fato simples de haver a quem se dirigir durante e após sua entrada no Instituto dá aos que chegam uma possibilidade de elo que ao mesmo tempo ata e libera para a construção que cada um quiser fazer dentro de nossas redes”.

O seguinte relato, reproduzido em extensão, descreve um processo de acolhimento e acompanhamento de um caso que atendemos, que exemplifica como a experiência de sofrimento na universidade é muito mais variada e singular do que podemos imaginar. Não se trata aqui de apresentar uma solução, mas — como em todo este ensaio — de convocar a sensibilidade do leitor ao confronto com um certo tipo de problema:

“Num exemplo de acolhimento podemos citar uma mestrandona que nos procurou pedindo apoio psicológico para, segundo relatou no primeiro e-mail de contato, ‘expor acontecimentos que ocorriam durante a finalização da dissertação’, o que teria gerado ‘bastante dificuldade’, sabendo ela que não se tratava de questões teóricas mas com a relação com os outros com os quais tinha que lidar no processo acadêmico, relatando medo de, por conta disso, não finalizar o percurso, estando já se utilizando da extensão do prazo inicialmente previsto para a defesa. Ao escutá-la no acolhimento ela descreveu um estado de confusão entre duas direções que para ela seriam excludentes: pragmaticamente focar na produção da escrita ou reingressar numa psicanálise para pensar como se safar da paralisia.

A própria questão é falsa, na medida em que, na realidade, ela já estava paralisada por conta dessa não-separação entre o que ela tinha por tarefa produzir e o que entendia como demanda do ‘outro’ acadêmico. É o típico caso de pedido de ajuda e milagre ao mesmo tempo, já que ela formulou claramente, no primeiro e-mail de contato, reiterando a mesma posição na conversa de acolhimento via chamada de vídeo, que era a confusão em querer atender questões que não lhe diziam respeito a causa de sua paralisia. No entanto, foi somente no acolhimento que pode se revelar já ter havido uma primeira tentativa de análise que era o cerne desse receio em seguir na via de retomada do trabalho analítico: ela havia feito análise com um profissional ligado ao departamento no qual cursava o mestrado e não conseguia falar livremente na análise de seus mal estares que diziam respeito justamente ao referido departamento. A direção do acolhimento foi ofertar um profissional que ajudasse essa mestrandona a fazer essa separação das questões, um profissional que não fosse ligado à academia, pelo menos ao mesmo departamento. É claro que no limite um psicanalista poderia tratar dessa separação ser feita no âmbito da própria análise, isto é, o próprio analista ligado ao departamento poderia ajudá-la a fazer essa separação, mas o acolhimento é o lugar justamente de se escutar o tempo das coisas no mal-estar acadêmico e no pedido de ajuda dele decorrente. Seria selvagem remetê-la de volta ao mesmo analista pois o espaço de acolhimento do Instituto não é o espaço de trabalho desse tipo: embora ele não tenha tempo previamente determinado, podendo estender-se enquanto necessário, a urgência de um prazo acadêmico é algo da ordem de um real muitas vezes, para quem está imerso na angústia e na inibição. Esse real é da ordem do ‘não ter o que fazer com isso’, ao que somente uma ajuda profissional pode vir em socorro.

Ela procurou o psicanalista indicado, escolhido pelo critério principal, verificado pelo acolhedor antes da indicação, de não ter ligações com o departamento da mestrandona, junto à condição de ser da mesma cidade dela, pois apesar de estarmos em tempos pandêmicos e das análises estarem se dando remotamente, o acolhedor achou importante manter a possibilidade do encontro presencial, para o caso da angústia assim o demandar — pela mestrandona o analista poderia ser de qualquer lugar, pois não via muito além do momento atual, mas o acolhedor pode, e deve, poder considerar questões como essa.

O acolhedor não é necessariamente psicanalista, como era o caso nesse exemplo, o importante no acolhimento é ter uma escuta, uma escuta laica nesse sentido de estar atento ao mesmo tempo para o que é dito e para o que é dito da forma mesmo como é possível, confusamente, pois do contrário o

acadêmico não estaria nos procurando. A sensibilidade, sem uma identificação irrefletida do problema do outro com soluções que ele próprio acolhedor deu ou daria para questões semelhantes, é fundamental nesse espaço do acolhimento, isto é: estar atento ao que quem está pedindo ajuda quer, pode e sustenta.

Esse ponto da sustentação pode ser exemplificado com o prosseguimento desse mesmo caso: após algum tempo o acolhedor entrou em contato perguntando pelo destino da indicação e a mestrandona relatou um aumento na sua confusão, fazendo que com ela desistisse da marcação feita com o analista indicado porque a dúvida sobre se sua demanda seria realmente de análise retornou, por conta da urgência e da dificuldade em entrar em contato com questões que já tinham lhe afetado muito na análise anterior – com o trabalho suplementar que tinha ao não conseguir falar para um analista ligado ao seu departamento acadêmico. Ela, nesse segundo momento do acolhimento, falou sobre uma suposta dicotomia entre buscar sua “responsabilização no sofrimento” ou tomar o problema como “estrutural para além dela”, voltando a dizer-se confusa. Ao voltar a ofertar-lhe a análise como espaço para acolhimento dessa confusão ela decidiu marcar de novo com o analista, pois considerou que o fato de ter voltado a falar com o acolhedor lhe deu o impulso de procurar ajuda novamente. Não sabemos se o impulso se sustentará, mas aí já estamos para além do lugar do acolhedor”.

